

USO DE FERRAMENTAS COLABORATIVAS NA ESCOLA MUNICIPAL MÁRIO ALVES DINIZ, EM JOÃO DIAS – RN, DURANTE A PANDEMIA

Lo-Ami Nakazune Viana ¹

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo relatar e analisar a experiência de professores e alunos com o uso das ferramentas colaborativas durante a Pandemia, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Mário Alves Diniz, localizada no município de João Dias, interior do Rio Grande do Norte. Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico, com cunho exploratório e abordagem qualitativa. Quanto às reflexões sobre o uso das redes colaborativas na educação, foram consideradas as discussões propostas por Clarke (2017), Moran (2020) e Luckesi (2011). Os resultados evidenciam que, apesar das grandes transformações tecnológicas ocorridas nos últimos anos, ainda persistem entraves ao avanço das ferramentas colaborativas no contexto da educação, tais como: a ausência de domínio técnico, a falta de interesse e o comodismo de muitos professores e alunos na adoção de novas tecnologias. Soma-se a isso as dificuldades estruturais e financeiras que atrapalham ou impedem o acesso de muitos alunos à internet, além do uso dessas tecnologias como “mero entretenimento” pelos alunos. Por fim, defende-se a necessidade de uma nova postura por parte de toda a comunidade escolar, visando à promoção de redes on-line e práticas colaborativas que por meio do diálogo entre a inteligência individual e coletiva, desenvolvam não apenas o domínio dos objetos de conhecimento, mas também a capacidade de estabelecer relações intra e interpessoais e a capacidade criativa de reinvenção pessoal e profissional, considerando a permanente reflexão sobre as situações-problema, tanto do contexto escolar, como da vida social no seu sentido mais amplo.

Palavras-chave: Ferramentas, Pandemia, Redes colaborativas, Novas tecnologias.

INTRODUÇÃO

A disseminação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIDIC's), nas últimas décadas tem alterado profundamente o cenário educacional em todos os seus níveis, naturezas e modalidades. A internet tem ampliado exponencialmente as possibilidades de acesso e criação de conhecimento em variados conteúdos e formas.

Nesse sentido, a importância didática das redes colaborativas adquire relevância diante da necessidade de criar estratégias que estimulem o pensamento crítico, a criatividade, o diálogo e a cooperação mútua entre professores e estudantes, no contexto da escola digital (Torres e Irala, 2014).

¹ Licenciatura em História (UFRN). Mestre em Tecnologias Emergentes na Educação (MUST University). Professor titular da SEEC/RN. E-mail: lonakazune@gmail.com

A Pandemia fez com que milhares de estudantes e professores do Brasil se vissem diante do uso das novas tecnologias digitais, como alternativa possível diante do necessário isolamento social (Clarke, 2017). As incertezas, inseguranças e sentimentos trazidos pelo contexto emergencial foram inúmeros, dentre eles: ausência de domínio técnico; falta de experiência; escassez de recursos tecnológicos; ausência de interesse e comodismo relacionados a adoção de ferramentas colaborativas online na educação.

O presente trabalho tem por objetivo relatar e analisar a experiência de professores e alunos com o uso das ferramentas colaborativas, durante a Pandemia, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Mário Alves Diniz, localizada no município de João Dias, interior do Estado do Rio Grande do Norte. Trata-se, portanto, de uma instituição de pequeno porte, que mantém os Anos Iniciais (do 1º ao 5º ano), no turno matutino e os Anos Finais do Ensino Fundamental (do 6º ao 9º ano), no turno vespertino.

Para fundamentação teórica, a pesquisa utilizou-se de um levantamento bibliográfico, de cunho exploratório e abordagem qualitativa. Quanto às reflexões sobre o uso das redes colaborativas na educação, considerou-se as discussões propostas por Clarke (2017), Moran (2020) e Luckesi (2011).

É importante salientar que apesar das grandes transformações tecnológicas ocorridas nos últimos anos, ainda persistem entraves ao avanço das ferramentas colaborativas no contexto educacional, como: ausência de domínio técnico; carência de interesse e o comodismo de muitos professores e alunos na adoção das novas tecnologias; as dificuldades estruturais e financeiras que atrapalham ou inviabilizam o acesso de muitos alunos a internet e a limitação dessas tecnologias, simplesmente como forma de entretenimento.

Por conseguinte, defende-se a necessidade de adoção de uma nova postura por parte de toda a comunidade escolar, visando à promoção de redes on-line e práticas colaborativas. Isso deve ocorrer por meio do diálogo entre a inteligência individual e coletiva para que se promova, não apenas o domínio dos objetos de conhecimento, mas principalmente a capacidade de estabelecer relações intra e interpessoais, e a capacidade criativa de reinvenção pessoal e profissional. É importante considerar também a permanente reflexão sobre as situações-problema, tanto do contexto escolar, como da vida social em seu sentido mais amplo.

METODOLOGIA

O presente trabalho é uma revisão bibliográfica e relato de experiência (Mussi; Flores; Almeida, 2021), cuja pesquisa foi de cunho exploratório com abordagem qualitativa. A adoção dessa metodologia se deu com o objetivo de descrever e analisar a vivência de professores e alunos da Escola Municipal Mário Alves Diniz no uso de ferramentas colaborativas durante a Pandemia. Este tipo de estudo permite uma maior reflexão sobre as práticas e desafios enfrentados pela comunidade escolar, proporcionando uma maior aproximação com a realidade, cujas análises críticas são fundamentadas em experiências reais.

O trabalho foi elaborado em duas partes distintas, que se completam. Na primeira, foram analisadas as possibilidades didáticas do uso das ferramentas colaborativas em sala de aula a partir da revisão bibliográfica. Já a segunda etapa, buscou descrever o contexto escolar e analisar as experiências com o uso das ferramentas colaborativas durante a Pandemia. Por fim, foram tecidas as considerações finais sobre as relações entre a bibliografia utilizada e as experiências da escola em questão.

REFERENCIAL TEÓRICO

A aprendizagem colaborativa caracteriza-se como uma metodologia pedagógica que agencia aulas mais dinâmicas e participativas, promovendo uma maior interatividade entre os alunos e maior engajamento destes no processo de aquisição de conhecimento, de modo que, passam a participar ativamente do conteúdo didático em sala de aula, a partir do compartilhamento de vivências e ideias, contribuindo para o acréscimo de conhecimento para toda a turma (Pereira, 2021).

Segundo afirma Oliveira et al. (2018), a aprendizagem colaborativa é uma ferramenta pedagógica que se baseia na participação ativa, por meio da interação e cooperação dos discentes nas atividades desenvolvidas em salas de aulas. Portanto, é possível dizer que há uma valorização da liberdade de expressão, assim como, da troca de experiências, com o objetivo de gerar um aprendizado coletivo e participativo.

Essa abordagem de ensino permite que os discentes se tornem protagonistas de seu próprio aprendizado, ao passo que, o professor se torna um mediador do processo de aquisição de conhecimentos, sendo responsável pelo direcionamento ao acesso às informações, assim como, as ferramentas e outros mecanismos que entender como necessários para que os aprendizes se tornem autônomos no processo de aprendizagem.

Conforma Marques (2018), a aprendizagem colaborativa

Trata-se de uma proposta metodológica que busca desenvolver no aluno, a responsabilidade individual, a interdependência positiva, a interação simultânea, e habilidades cognitivas e interpessoais. Na AC um estudante não tem êxito a menos que todos no grupo o alcancem, diferente da Aprendizagem Cooperativa, que trabalha com a divisão de tarefas. A AC começou a ser estudada a partir da década de 70, porém, ao trazer o professor como mediador cognitivo, pode apresentar alguma resistência em sua aceitação (p. 15).

Em outras palavras, o autor supracitado afirma que a Aprendizagem Colaborativa (AC), consiste em uma proposição metodológica que enfoca o aluno, objetivando desenvolver a participação ativa dele no processo de aprendizagem. Ao professor, portanto, cabe a mediação neste processo (Marques, 2018).

Dessa maneira, as práticas colaborativas em salas de aulas são capazes de estimularem maior interação entre os alunos, por meio da adoção, pelos professores, de metodologias mais dinâmicas de aulas, permitindo uma maior troca de ideias, contribuindo para um melhor desenvolvimento do grupo como um todo (Richit; Ponte; Tomkelski, 2021).

A aprendizagem colaborativa, portanto, resulta da interação e participação dos discentes nos processos de ensino e aprendizagem, assim, os discentes passam a ter maior autonomia no processo de aprendizagem, tornando-se protagonistas da aquisição de seus conhecimentos (Carvalhêdo; Portela, 2020).

Diante do exposto, cabe ressaltar que o professor deve conhecer a estratégia metodológica a qual irá utilizar na aprendizagem colaborativa, tendo em mente as formas de direcionamento das ferramentas para abordar os objetivos de conhecimento do componente curricular, direcionando assim o aprendiz. Por esse motivo, o professor se torna o mediador de todo o processo, sendo responsável pelo direcionamento do conteúdo.

Além disso, cabe também ao docente pensar nos planos de aula e nas atividades, a serem aplicadas, considerando o melhor desempenho dos alunos quanto à assimilação de conhecimentos, conforme seus diferentes níveis de aprendiz. Para que o aprendiz seja efetivo, é necessário que o aluno tenha uma boa base de conhecimento.

Assim, o docente deve-se fazer os seguintes questionamentos: o que o aluno precisa aprender? qual método de ensino será utilizado? qual o objetivo de discutir determinado conhecimento? Após conhecer as respostas para os seus próprios questionamentos, o professor deve escolher as atividades para realizarem suas práticas colaborativas em salas de aula.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As TIDIC's têm favorecido, principalmente na última década, a difusão da modalidade de Educação à Distância – EaD. De acordo com um levantamento realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), só no ano de 2019, aproximadamente 63% do total de cursos de nível superior no Brasil são ofertados na modalidade EaD, ocupando 50% de vagas apenas na iniciativa privada (INEP, 2019).

A presença de um fenômeno como o acima descrito, aponta claramente para uma democratização e flexibilização do acesso ao ensino superior no Brasil, sobremaneira, para grupos de alunos com demandas específicas, como: indivíduos que moram na zona rural, distantes dos grandes centros urbanos; alunos que trabalham o dia inteiro e/ou possuem filhos; discentes que não possuem transporte e/ou possuem limitações físicas, assim como, dificuldades relacionadas a mobilidade (Oliveira; Santos, 2019).

Além, da viabilidade e flexibilidade de tempo, permitida pela realização dos estudos por meio de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), plataformas utilizadas pela maioria desses cursos. O fator financeiro, também explica a grande adesão a essa modalidade de ensino, visto que, os custos e encargos financeiros caem significativamente, tanto para as instituições, uma vez que a oferta do ensino EaD, não necessita do empenho em grandes investimentos direcionados a estrutura física; como para os alunos, refletindo nas taxas e mensalidades reduzidas, o que, por sua vez, oportuniza a obtenção tão almejada de um diploma de nível superior, por pessoas oriundas das camadas mais carentes da sociedade.

Outro desafio, importante, é o de compreender que o mero conhecimento técnico das TIDIC's e/ou a limitação do seu caráter ao entretenimento, não permitirá o pleno alcance dos objetivos do processo de ensino-aprendizagem. Fazendo-se necessária a adoção de uma nova postura, por parte de todos os que compõem a comunidade escolar e a sociedade como um todo. Uma postura desafiadora, autônoma, criativa e problematizadora, que seja um convite a nossa responsabilidade social e ecológica na construção de uma sociedade mais justa, mais igualitária e sustentável, não apenas para nós, mas também para as futuras gerações.

As TIDIC's, por sua vez, poderão se tornar excelentes aliadas na promoção de práticas colaborativas entre professores e alunos, que por meio do diálogo entre a inteligência individual e coletiva de ambos, permitam-se desenvolver, não apenas

domínio dos objetos de conhecimento, mas também a capacidade de estabelecimento de relações intra e interpessoais, da empatia, da resiliência, da capacidade criativa de reinvenção pessoal e profissional, tomando como eixo norteador o diálogo e a reflexão sobre as situações-problema, não apenas do contexto escolar, mas também de suas próprias experiências e vivências pessoais, individuais e coletivas.

Obviamente, a mudança nas *soft skills* e *hard skills*² vêm acompanhadas pela necessidade de reestruturação do espaço físico escolar. Surgindo a carência de investimentos em laboratórios de informática, *datashow*, mesas digitalizadoras, impressoras 3D, tablets, *notebooks*, dentre outros artigos tecnológicos. Também se faz necessária a implementação de políticas de incentivo à formação continuada, sobretudo, dos docentes e gestores.

Localizado no Alto Oeste Potiguar do Estado do Rio Grande do Norte, de acordo com IBGE, em 2010 a população do município de João Dias, era de aproximadamente 2.601 habitantes. A parte urbana conta apenas com uma Unidade Básica de Saúde – UBS e com duas instituições escolares, sendo uma a escola analisada e a outra a escola estadual responsável pela oferta do Ensino Médio.

Outra característica da cidade é a escassez das oportunidades de estudo e trabalho, pois não há ofertas de cursos técnicos, preparatórios, instituições de ensino privado e/ou de nível superior. Em decorrência dos poucos espaços públicos dedicados à oferta de lazer, a maior parte dos habitantes têm por espaços para o desenvolvimento da sociabilidade: bares, churrascarias e três ginásios poliesportivos para a realização de atividades físicas, sendo o principal destinado os sítios ou cidades circunvizinhas como Antônio Martins (RN) e Catolé do Rocha (PB).

De acordo com o Portal Atlas Brasil³, em 2010, a expectativa em anos de estudo foi estipulada em 7,58 anos. Considerando a população com 25 anos ou mais de idade, 48,45% eram analfabetos, 21,40% tinham o ensino fundamental completo, 11,16% possuíam o ensino médio completo e 2,12%, o superior completo (Atlas Brasil, 2010).

Entretanto, a taxa de proporção de crianças com idades entre 5 e 6 anos na escola era de 62,71%; a proporção de crianças com idades entre 11 e 13 anos frequentando os anos finais do ensino fundamental era de 64,62%; a proporção de jovens na faixa

² As expressões *soft skills* e *hard skill*, por sua vez, são os nomes dados respectivamente às competências técnicas e às habilidades subjetivas de um profissional.

³ Para consulta de mais detalhes os dados encontram-se disponíveis em: <<http://www.altlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil-m/joãodias-rn>>. Acesso em: 20 mai. 2023.

etária dos 15 aos 17 anos com ensino fundamental completo era de 36,97%; e a proporção de jovens com idades entre 18 a 20 anos com ensino médio completo era de 18,14% (Atlas Brasil, 2010).

A Escola Municipal Mário Alves Diniz, conta com aproximadamente 300 discentes que são, em sua maioria, provenientes da zona rural do município, especificamente dos sítios denominados Currais e Boa Vista. A instituição oferta o Ensino Fundamental completo em dois turnos.

Em 2015, em decorrência da realização de um concurso público na cidade, a instituição passou por uma completa reformulação do quadro docente e demais funcionários. Sendo, portanto, a maioria dos docentes, licenciados nas áreas de pedagogia, matemática, letras, história, geografia e ciências. Internamente, a escola dispõe de sete salas de aula, uma cozinha, banheiros femininos e masculinos para alunos e banheiros femininos e masculinos para professores e uma pequena biblioteca.

A parte administrativa conta com uma única sala compartilhada em contraturnos pela direção, vice-direção, secretaria e coordenação. A escola não dispõe de salas de informática, de vídeo, laboratórios ou salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE). A escola, também, possui pátios internos que são utilizados como área de vivência, principalmente para os alunos nos intervalos entre aulas.

Durante o ano letivo de 2020 a Escola Municipal Mário Alves Diniz teve que fazer diversos reajustes, não apenas no calendário escolar e na carga horária dos professores, mas também, nas estratégias e recursos utilizados para o cumprimento das atividades escolares, objetivando o mínimo de prejuízo possível para os alunos.

Ao longo dos quatro bimestres, ministrados no ano letivo de 2020, as aulas foram fornecidas, sobretudo por meio de aplicativos de e-mail como *Gmail*, aplicativos de videoconferência como *Google Meet* e plataformas como o *Google Classroom*.

A experiência coletiva na educação básica pública, principalmente, municipal e estadual, durante a Pandemia, tem evidenciado que, apesar de os alunos conhecerem com bastante propriedade variados jogos eletrônicos e redes sociais, em sua maioria, atribuem pouco ou nenhum significado as ferramentas colaborativas em rede, como *Google Classroom*, por exemplo.

Além disso, foram frequentes as queixas dos alunos sobre a falta de domínio dessas ferramentas. Infelizmente, muitos alunos, pais e/ou responsáveis não acolheram as novas tecnologias educacionais com o devido engajamento e as ferramentas colaborativas não foram recebidas positivamente no que se refere ao uso da internet para

finalidade de pesquisa e estudo.

Foram repetidos os discursos de "medo" e "rejeição" massiva por alguns professores e por um grande número de alunos, a pretexto de que "desconhecem", de que "é muito chato", de que "nada sabem sobre e-mails ou sobre a plataforma *G-suíte*", ou ainda, de que "nem todos dispõem de uma boa internet". Esses discursos têm acompanhado diversos professores e alunos de ambos os sexos, várias séries e faixas etárias, sobretudo, para justificativa da evasão escolar durante o ano letivo de 2020.

Em que se pese, o importante papel social dos alunos para o próprio desenvolvimento escolar, ainda que por um viés negativo, seus discursos e práticas, sinalizam para os gestores, coordenadores e professores, onde estes devem intervir para uma melhor integração das novas ferramentas colaborativas de aprendizagem (Luckesi, 2011).

Nessa perspectiva, ao professor compete a realização de um redimensionamento do seu papel e função social, frente aos novos "nativos digitais", de modo que, cada vez mais os estudantes terão autonomia na aquisição dos conteúdos, seja por meio de sites educativos, vídeos-aula, aplicativos, e-books, entre outros.

O professor, assume, portanto, o papel de ser um mediador intelectual, um empreendedor, um incentivador, um comunicador, um gestor de caminhos coletivos e individuais, que fundamentam sua prática no cotidiano dos estudantes, atribuindo significado, analisando, verificando a aplicabilidade, solucionando problemas, dilemas e contradições da vida social cotidiana (Moran, 2020)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O impacto das grandes transformações tecnológicas sobre a educação nas últimas décadas vem interferindo diretamente no modo de pensar e fazer a relação professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem. De fato, o mundo não será mais o mesmo no Pós-março de 2020 e, na educação, as novas tecnologias digitais irão, cada vez mais, deixar suas marcas de modo a se fazer sempre presente.

Buscou-se refletir sobre o uso didático-pedagógico das ferramentas colaborativas online, utilizadas durante a Pandemia, no ano letivo de 2020. A Pandemia acelerou, a discussão a respeito do uso das tecnologias computacionais no contexto de ensino-aprendizagem, mas também pôs em xeque o papel social da escola e dos professores no século XXI.

Apesar de todos os avanços, ainda persistem velhos problemas, como: ausência de formação continuada dos professores, comodismo da comunidade escolar e a carência de recursos tecnológicos. É possível afirmar que, as concepções as críticas de professores e alunos, com relação às ferramentas colaborativas, têm dentre suas causas, desde a falta de uma formação continuada do professor, até o simples desinteresse em sair de suas zonas de conforto, lançando-se sobre novas abordagens e estratégias de ensino. Recomenda-se, contudo, estudos posteriores mais abrangentes que possam elucidar outros possíveis fatores.

Constatou-se, também, a necessidade de adoção de uma nova postura por parte do toda a comunidade escolar, visando à promoção de redes online e práticas colaborativas, que por meio do diálogo entre a inteligência individual e coletiva, desenvolva não apenas o domínio dos objetos de conhecimento, mas também a capacidade de estabelecer relações intra e interpessoais, a capacidade criativa de reinvenção pessoal e profissional, considerando a permanente reflexão sobre as situações-problema tanto do contexto escolar, como da vida social no seu sentido mais amplo.

REFERÊNCIAS

CARVALHÊDO, J. L. P.; PORTELA, J. L. Formação docente: A aprendizagem colaborativa como estratégia de aprendizagem. *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n. 11, p. 87409-87420, 2020.

CLARKE, B. *Computer Science Teacher Insight into the computing classroom*. Reino Unido: BCS, The Chartered Institute for IT, 2017.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). *Censo Escolar, 2019*. Brasília: MEC, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-da-educacao-superior/ensino-a-distancia-se-confirma-como-tendencia>. Acesso em: 3 jun. 2024.

LUCKESI, C. C. *Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico*. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

MARQUES, A. S. V. *Aprendizagem colaborativa: uma proposta metodológica de construção do conhecimento em química orgânica*. 2018. 203 f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Matemática) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Exatas e da Terra, Cuiabá, 2018.

MORAN, J. M. *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*. 10. ed. Campinas, SP: Papirus Editora, 2020.

MUSSI, R. F. F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Práxis Educativa*, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, out. 2021.

OLIVEIRA, B. L. C. A. D.; LIMA, S. F.; RODRIGUES, L. D. S.; PEREIRA JÚNIOR, G. A. Team-based learning como forma de aprendizagem colaborativa e sala de aula invertida com centralidade nos estudantes no processo ensino-aprendizagem. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 42, p. 86-95, 2018.

OLIVEIRA, F. A.; SANTOS, A. M. S. Democratização do ensino superior através da modalidade de educação a distância no Brasil: um convite à reflexão. *Revista Científica de Educação a Distância*, v. 11, n. 20, p. 1-21, 2019.

PEREIRA, A. R. Instagram como estratégia de aprendizagem colaborativa no ensino superior. *Pensar Acadêmico*, v. 19, n. 4, p. 1206-1222, 2021.

RICHIT, A.; PONTE, J. P. D.; TOMKELSKI, M. L. Desenvolvimento da prática colaborativa com professoras dos anos iniciais em um estudo de aula. *Educar em Revista*, v. 36, 2021.

TORRES, P. L.; IRALA, E. A. F. Aprendizagem colaborativa: teoria e prática. In: *Complexidade: Redes e Conexões na Produção do Conhecimento*. Curitiba: Senar, 2014. p. 61-93.